

ÉOWYN, A SENHORA DE ROHAN: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA DE O SENHOR DOS ANÉIS, ROMANCE E FILME, ATRAVÉS DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA (MILLET) E TEORIA DA ADAPTAÇÃO (HUTCHEON)

Laura Cristina de Souza Zanetti (PIC); Vera Helena Gomes Wielewicki (Orientadora), email: vhwielewicki@gmail.com;

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes – Linguística e Literatura

Palavras-chave: O Senhor dos Anéis; Tradução; Personagem Feminina.

Resumo

Esta pesquisa bibliográfica buscou analisar se há influência da mulher nórdica na personagem Éowyn, do romance **O Senhor dos Anéis**, publicado na Inglaterra, entre 1954-1955, escrito por J.R.R. Tolkien. Em seguida, pretendeu-se analisar a maneira com que Peter Jackson representou a personagem no filme O Senhor dos Anéis (2002-2003), por meio da teoria de Linda Hutcheon (2006). Com relação à análise literária, a teoria de Kate Millet (1970) foi escolhida para embasar o estudo. A partir das análises concluiu-se que Éowyn desafia os padrões que personagens femininas de sua época costumam seguir, sendo este um dos motivos pelo qual não houve mudanças significativas em sua adaptação para o cinema. Observou-se, também, poucas semelhanças entre a personagem e as mulheres da sociedade nórdica. Finalmente, esta pesquisa proporciona visibilidade para uma personagem feminina cujas atitudes são de resistência e contribui para a construção de personagens femininas que quebram estereótipos de representação da mulher.

Introdução

O papel exercido por Éowyn, personagem da trilogia **O Senhor dos Anéis** (1954-1955), escrita por J.R.R. Tolkien, foi escolhido como objetivo de análise deste estudo por se diferenciar dos papéis das demais personagens devido ao seu desejo de tornar-se guerreira, mas que, após o envenenamento de seu tio, Théoden, rei de Rohan, passa a exercer função de cuidadora, assim como as demais personagens representadas no livro. Após retornar como O Branco, o mago Gandalf liberta Théoden da influência de Gríma, Língua de Cobra, que o envenenava, e Éowyn acaba conhecendo Aragorn, Herdeiro de Isildur, por quem se apaixona. No entanto, Aragorn não dá esperanças a ela por amar Arwen Undómiel, e proíbe-a de lutar com eles, pois seu dever era governar no lugar do tio, enquanto este estivesse em guerra. Entretanto, Éowyn não aceita e se disfarça de homem, sob o pseudônimo de Dernhelm, para ir à guerra, onde acaba lutando e matando o senhor dos nazgûl, o mais terrível dos servos de Sauron que não poderia ser morto por um homem. Essas características encontradas em Éowyn, tais como a vontade de tornar-se guerreira, ser independente, forte e a relutância contra as imposições às mulheres da época, assemelham-se a aspectos da civilização nórdica.

Materiais e métodos

Pesquisa qualitativa e bibliográfica, cujos instrumentos de geração de dados foram os livros de **O Senhor dos Anéis**, por meio dos quais analisou-se a personagem Éowyn com base na crítica feminista de Millet (1970) e na Teoria da Adaptação, de Linda Hutcheon (2006), além de uma observação entre a personagem e as mulheres das sociedades nórdicas, com o objetivo de pontuar semelhanças e influências destas nas características da personagem de Tolkien.

Em seguida, houve uma comparação da personagem no livro e sua adaptação cinematográfica feita por Peter Jackson, com a intenção de observar como o diretor representou as características e influências que compõem a personagem no filme.

Resultados e Discussão

Éowyn era conhecida como A Senhora de Rohan por conta de seu parentesco com a realeza, sendo seu tio, Théoden, o rei de Rohan. Isso fez com que ela, por ser mulher, ficasse responsável por cuidar de seu tio quando este fora envenenado por Gríma, Língua de Cobra, mesmo estar em campo de batalhas sendo seu maior desejo. Após sua melhora, Théoden se viu obrigado a partir em batalha e apenas após Éowyn ser indicada por um personagem masculino em que confiava é que Théoden decide deixá-la cuidar do reino até que ele volte. O interesse da personagem pelo campo de batalha, assim como o sistema hierárquico no qual Rohan era constituído, assemelham-se às características da sociedade viking do século X, como as descritas em **The Viking World** (BRINK, S.; PRICE, N.; 2008), por haver uma hierarquia monárquica. Por outro lado, durante esse período e por conta dessa hierarquia social que havia, as mulheres quase não tinham direitos ou posição econômica suficiente para atuar no campo político e, então, eram subordinadas aos homens.

O desejo de Éowyn de estar em campo de batalha, reprimido por seu tio, pode ser analisado através daquilo que Millet (1970) chama de uma “política sexual consentida”, devido à ‘socialização’ de ambos os sexos para uma sociedade patriarcal baseada no temperamento, status e papel de cada um. O papel que Éowyn deveria exercer era o de cuidar de seu tio e alojar os visitantes, por ser mulher e por conta da posição de sobrinha do rei na qual estava inserida mesmo que fizesse o que estava ao seu alcance para ir contra essa imposição.

Millet (1970) pontua, ainda, que por conta de uma cultura baseada em ideais patriarcais, os sexos foram assumindo duas culturas distintas para si e por isso vão aprendendo a moldar sua personalidade após o nascimento. Pode-se perceber essa distinção na cultura dos sexos quando Éowyn diz a Aragorn que gostaria de lutar ao lado dele e ele parece não entender e não aceitar que ela tenha capacidade para isso, pois lhe foi imposta uma outra tarefa, sem antes lhe perguntarem qual era sua vontade, possivelmente por pertencer ao sexo feminino, considerado mais fraco e incapaz de realizar atividades consideradas masculinas. Esse comportamento de Aragorn também se encaixa no que Millet (1970) classifica como os status dos sexos, que seria a maneira persuasiva de preconceito que garante a superioridade masculina sobre a feminina.

Em contrapartida, Peter Jackson adapta Aragorn como sendo muito mais compreensivo em seu filme do que ele realmente era na narrativa de Tolkien. Huchtheon (2006) acredita que mudanças na personalidade e ações dos personagens sejam comuns, pois as adaptações têm sua própria aura e são únicas no local em que se inserem, por serem uma repetição sem replicação. Ao considerar a época em que Tolkien escreveu a narrativa, entende-se que seria comum Aragorn, e Théoden, oprimirem Éowyn por desejar ser uma guerreira, visto que ela era uma mulher nobre que pretendia exercer um papel que era destinado apenas aos homens. Por outro lado, a adaptação cinematográfica de Peter Jackson é do ano de 2001, o qual já tinha sido influenciado pelo pensamento feminista, pela luta por direitos iguais entre homens e mulheres há algum tempo. Dessa maneira, adaptar o personagem como Jackson fez, além de o aproximar do espectador também facilitou sua comercialização.

Por mais difícil que fosse, Éowyn também resistiu ao que lhe era imposto e disfarçou-se de guerreiro, sob o pseudônimo de Dernhelm, e partiu para a batalha nos campos de Gondor depois que todos haviam saído, para que ninguém notasse sua presença. O leitor só descobre que ela é o cavaleiro disfarçado quando ela se vê de frente com o Senhor dos Nazgûl, que matou Théoden, e que não poderia ser morto por nenhum homem e, então, luta com ele, matando-o no final. Presume-se que a resistência da personagem seja um dos motivos pelo qual ela foi adaptada para a versão cinematográfica de Peter Jackson praticamente sem alterações, inclusive nesta cena de extrema importância para a sua construção como personagem.

Éowyn passa por um momento de transição posterior a um ferimento que sofre por lutar com o Nazgûl. Esse momento de transição vivido por ela é interpretado por Wallace (2011), como sendo um renascimento após uma morte metafórica causada pelo ferimento da batalha e o amor não correspondido por Aragorn. Pode-se presumir, então, que esse renascimento metafórico tenha mostrado a ela que a glória e o reconhecimento, virtudes que ela buscava, podem ser alcançados de outras maneiras, sendo uma delas cuidar daqueles que precisam e espalhar amor em momentos de guerra, visto que a personagem tinha consciência de que não era por falta de capacidade, ou por ser do sexo feminino, que ela não poderia ser uma escudeira.

Durante seu processo de recuperação, Éowyn conhece Faramir e tempos depois decide casar-se com ele. Hatcher (2007), vê o casamento de Éowyn e Faramir como um ideal moderno de relacionamento, pois os dois exercem o mesmo papel dentro do relacionamento, além de Faramir enxergar Éowyn como ela realmente é, o que a permite ter voz e papel ativo na relação. Estima-se, então, que a decisão de Éowyn tenha sido a de se casar por perceber que tinha mais em comum com Faramir do que com Aragorn, além do fato de terem se sentido bem na companhia um do outro enquanto se recuperavam nas Casas de Cura e não por ser um dever da mulher casar-se e estabelecer família. A liberdade na escolha de seu parceiro também assemelha-se às mulheres nórdicas, mesmo que para elas o casamento fosse uma maneira de assegurar posição social e no caso de Éowyn, tenha sido por uma questão romântica.

O contato entre Faramir e Éowyn fica implícito na adaptação cinematográfica de Peter Jackson, que por mais que tenha reduzido consideravelmente os diálogos

do casal, retrata o primeiro contato dos dois. A redução é vista por Hutcheon (2006) como essencial devido à quantidade de detalhes contidas em romances, porém, ela explica que é necessário que haja dramatização, que o pensamento e as reações dos personagens sejam audíveis e visíveis. Jackson conseguiu transmitir a empatia que Faramir e Éowyn sentiram um pelo outro, assim como conseguiu deixar implícito que se casariam com apenas duas cenas.

Conclusões

Em suma, foi possível identificar semelhança entre o sistema hierárquico no qual Rohan era baseado com o das sociedades vikings do século X, pois os dois se constituem de maneira monárquica, além da possibilidade de as mulheres tornarem-se guerreiras, assim como era o desejo de Éowyn. Por outro lado, é, em partes, por conta do sistema hierárquico no qual Rohan se baseia que Éowyn se sente presa em uma gaiola, visto que ela é sobrinha do rei Théoden, e, portanto, de linhagem nobre. Sua nobreza junto ao fato de ser do sexo feminino fazem com que seu desejo de tornar-se guerreira seja reprimido por seu tio Théoden, por Aragorn, e, na adaptação cinematográfica de Peter Jackson, por seu irmão Éomer, pois não era comum mulheres lutarem em batalhas, uma vez que eram consideradas inferiores e ineficazes em atividades que não fossem relacionadas à casa e de cuidadoras, comprovando a teoria de Millet (1970) sobre os papéis de cada sexo, difundidos através de uma cultura patriarcal.

A representação da personagem para a adaptação cinematográfica se dá sem grandes modificações, visto que ela representa a resistência de personagens femininas que buscam papéis que não condizem com os que lhe são normalmente impostos. Por outro lado, a repressão de Aragorn com relação à Éowyn é omitida na adaptação cinematográfica de Peter Jackson para a trilogia de **O Senhor dos Anéis**, e ele passa a ser retratado como o herói compreensivo. Essa mudança em Aragorn é chamada, por Hutcheon (2006), de mudança de contexto, visto que ele passou por um processo de apropriação por parte de Peter Jackson, para que se portasse sob um ponto de vista diferente, que o aproximou do público por torná-lo alguém que merecesse ser admirado, por torná-lo mais herói e assim, aumentar as chances de sucesso e comercialização da adaptação.

Finalmente, esta pesquisa proporciona certa visibilidade para uma personagem feminina que se diferencia por conta de suas atitudes de resistência e contribui para a construção de personagens femininas que quebram estereótipos de representação da mulher, além de permitir que haja reflexão acerca dos temas discutidos, podendo ser utilizado, inclusive, ao ensinar-se literatura no ensino básico.

Referências

- [1] BRINK, S.; PRICE, N.; **The Viking World**. Nova York: Routledge, 2008.
- [2] MILLET, K. **Sexual Politics**. Nova York: Doubleday, 1970.
- [3] HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation**. New York: Taylor & Francis, 2006.
- [4] HATCHER, M.M. **Finding Woman's Role in The Lord of the Rings**. Mythlore Society, Tennessee, 2007.
- [5] WALLACE, A. **A Wild Shieldmaiden of the North: Éowyn of Rohan and Old Norse Literature**. Philament Monstrosity, 2011.